

RECENSÕES CRÍTICAS

Para além das recensões críticas de obras escolhidas pelo conselho de redacção far-se-á uma referência a todos os livros e revistas que nos forem remetidos.

VALENTINA BORREMANS, *Reference Guide to Convivial Tools*, Cidoc; Guernavaca (México), 1978.

O livro de Valentina Borremans é um livro diferente sobre livros diferentes. Depois de séculos de librição da cultura, ser capaz de produzir um livro diferente é, só por isso, notável. Mas há outras razões para que o seja, no caso presente.

Reference Guide to Convivial Tools não é um livro para ler; é um utensílio para usar na busca de outros utensílios, a que se recorre para criar valores de uso, isto é, bens e serviços susceptíveis de satisfazer, de modo autónomo e fora do mercado, necessidades reais — os utensílios que, no seu conjunto, constituem o que Borremans designa, na esteira de Peter Harper, por «tecnologia radical». Para quem o queira apenas como livro, trata-se de um livro de referência sobre livros de referência. Nele são listadas mais de mil entradas, que incluem livros, artigos, bibliografias, revistas e ainda os endereços de organizações ou grupos, pequenos e grandes, de quem é possível obter dados, por outra via inacessíveis, e orientações práticas sobre os diferentes domínios da tecnologia radical e seus inimigos.

Aparentemente, pois, trata-se apenas de um livro de referência produzido por um bibliotecário interessado. Contudo, se tivermos em conta que Ivan Illich, como ele próprio afirma no prefácio, não conseguiu encontrar nas melhores bibliotecas técnicas do mundo (Bodleiana de Oxford, MIT de Boston, ERDA de Washington e Technische Hochschule de Berlim) metade dos livros referenciados por Valentina Borremans, não nos podemos furtar à perplexidade e à dúvida sobre se se trata de mera recolha bibliográfica. Ao «recuperar»

¹ Esta é a versão preliminar do livro. A versão definitiva será publicada, ainda este ano, por R.R. Bowker de Nova Iorque.

fontes bibliográficas que, pelos seus temas, modos de produção e de distribuição, estão fora da cultura oficial, Borremans subverte as fronteiras culturais estabelecidas e abre espaços novos à luta ideológica, e, ao fazê-lo, torna-se protagonista de uma criação cultural. O *Reference Guide* é um acto criativo, porque intervém na redefinição das rupturas culturais, de que é feito o nosso tempo e que tão comumente passam despercebidas, tanto no discurso científico como no discurso jornalístico. Borremans pretende demonstrar, com o seu livro, que a verdadeira ruptura no seio da cultura «ocidental» não é entre a cultura científica e a cultura humanística, mas antes entre a cultura oficial (dominante) e a cultura marginal (dominada).

Ao reivindicar a existência e a importância da cultura marginal, Borremans redefine, relativizando-a, a cultura oficial. A partir daqui é possível propor, como hipótese de trabalho, que a produção da cultura oficial, nos termos em que hoje tem lugar, é, ela própria, geradora da marginalização (supressão, dominação) cultural. É, em suma, um acto de barbárie. Avisemo-nos, no entanto, de que a luta meramente ideológica contra tal estado de coisas não é isenta de riscos, nomeadamente do risco de oficializar, enquanto utopia cultural, a própria cultura marginal. E a este risco não se furta Valentina Borremans.

O conceito de tecnologia radical é usado por Peter Harper (G. Boyle e P. Harper, *Radical Technology*, Nova Iorque, Pantheon Books, 1976) para significar que a revolução social exige a transformação radical da tecnologia (enquanto força produtiva) e não apenas a mudança da classe que a controla (isto é, as relações de produção). Ao usar este conceito e ao distingui-lo dos conceitos de «tecnologias alternativas» e de «tecnologias leves», Borremans pretende demarcar-se das posições e movimentos ecológicos, o que é de saudar. Na sua concepção, a protecção da natureza e do meio-ambiente deve estar subordinada ao projecto político da criação individual e colectiva de valores de uso numa sociedade libertada do monopólio do mercado.

Para compreender as concepções de Borremans sobre a tecnologia e o próprio processo de produção deste livro, é preciso saber que a autora foi durante 12 anos directora do Centro Intercultural de Documentación (CIDOC) de Cuernavaca (México), fundado por ela e por Ivan Illich para dar corpo à ideia de uma anti-universidade, um

lugar privilegiado para o desenvolvimento autónomo do pensamento crítico e heterodoxo, um fórum de discussão livre, centrado numa biblioteca inovadora, e aberto à livre organização dos participantes². Aí se discutiram e testaram, durante vários anos, ideias que mais tarde se difundiram internacionalmente, como, por exemplo e muito especialmente, as de Ivan Illich sobre a educação escolar, os transportes, a tecnologia, a energia e a medicina.

Neste ambiente se foi definindo e tomando corpo a aventura bibliográfica de que Valentina Borremans hoje nos dá notícia. As suas concepções sobre a tecnologia são muito próximas das que Ivan Illich defende de hoje em dia e de que dispomos o seu mais recente testemunho, no artigo da sua autoria incluído neste número da *Revista Crítica*. Mas, por outro lado, Valentina Borremans confere às teses de Illich a verosimilhança e a consistência «empíricas» de que muitas vezes carecem. Borremans esforça-se por demonstrar que *pode* ser realizado aquilo que Illich considera (idealisticamente?) *dever* ser realizado.

BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

J.J. DELGADO DOMINGOS, *Inteligência ou Subserviência Nacional?*, Afrontamento, Porto, 1978.

Depois dos Encontros Nacionais de Política Energética de 1975 (Porto) e 1977 (Lisboa), onde o problema da energia foi largamente debatido no meio técnico e a hipotética montagem de uma central nuclear em Portugal foi debatida e rebatida pela maioria dos presentes; no momento em que as centrais nucleares instaladas, ou a instalar, pela Espanha, junto à nossa fronteira, faz com que de novo o

² Do impacto do CIDOC em todos os que nele participaram posso dar testemunho pessoal através das minhas estadias, em 1972, para colaborar num seminário sobre alternativas à produção jurídica oficial, e em 1974, para organizar um seminário sobre direito e revolução e participar noutro sobre «educação permanente», organizado por André Gorz, entre outros.